

Escola Básica Integrada de Ginetes



## VIAJAR NA LEITURA

Uma história, um sonho!

Diverte-te a ler!

Rebelo, Carlos, *Lendas da História de Portugal*,  
Plátano Editora

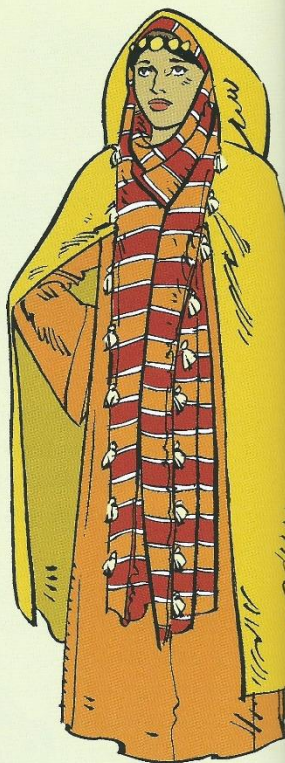
## A Moura Salúquia

A cidade de Moura é uma das muitas povoações do sul de Portugal cuja história está profundamente ligada à presença muçulmana entre nós. O próprio nome da localidade teria justamente origem neste facto.

Segundo a lenda, diz-se que, no tempo de D. Afonso Henriques, vivia no Alentejo uma moura muito bela, de seu nome Salúquia. Era filha de um famoso chefe muçulmano, Abu-Assan, senhor do mais importante castelo das redondezas, que os Cristãos queriam conquistar.

Nas noites bonitas de luar, a jovem Salúquia ia para a janela cantar, o que deixava os homens que a ouviam completamente enamorados. Também os cavaleiros cristãos escutavam os seus cantos e o que mais desejavam era conquistar o seu coração. No entanto, a jovem Salúquia nunca saía da sua torre e já estava prometida em casamento a um mouro chamado Brafama, governador do castelo da vizinha cidade de Aroche.

Estando a par destes factos, os Cristãos decidiram então planejar uma emboscada. Assim, quando no dia aprazado Brafama se dirigia para o local do casamento, cruzou-se com uma comitiva chefiada por dois nobres cristãos, Álvaro e Pedro Rodrigues. Logo ali se travou uma violenta batalha, que terminou com a derrota e morte de todos os Muçulmanos. Uma vez



sozinhos, decidiram os Cristãos vestir os trajes dos vencidos e, desta maneira, sem causarem suspeitas, seguiram para Moura, a fim de tomarem a cidade.

Quando Salúquia os avistou ao longe pensou tratar-se do noivo e da restante comitiva. Mandou então baixar a ponte levadiça que dava acesso ao castelo e abrir as suas portas de par em par. Quando se apercebeu do engano era, no entanto, demasiado tarde. Muitos cavaleiros estavam já dentro do recinto amuralhado e não permitiram que as portas fossem de novo fechadas. Apanhados de surpresa, os Muçulmanos foram facilmente destroçados.

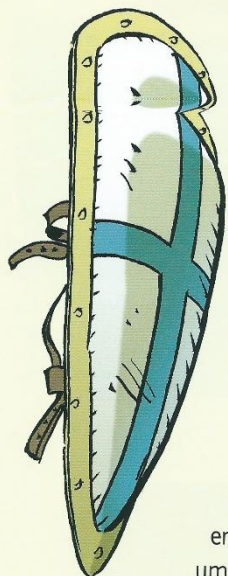
O jovem cavaleiro Álvaro Rodrigues, que vinha disfarçado com as roupas de Brafama, ainda correu para a torre. Lá do alto, Salúquia compreendeu o destino que a esperava, mas, fiel ao seu amor, tomou as chaves do castelo e atirou-se do alto da torre.

Segundo a lenda, foi a partir de então que a cidade (Maura) passou a chamar-se Moura, em homenagem à corajosa muçulmana, e que os reconquistadores cristãos, Álvaro e Pedro Rodrigues, passaram também a usar o novo apelido.





# A Gesta de Egas Moniz



Egas Moniz pertencia a uma das mais importantes famílias de Entre Douro e Minho, que fizeram parte da primeira nobreza portuguesa. Nessa condição, era senhor de várias propriedades na região do Douro, que foram depois muito ampliadas devido às doações feitas pelo primeiro rei de Portugal.

Durante o governo do conde D. Henrique, Egas Moniz surge já como uma das principais figuras da Corte, mencionado em documentos oficiais desde o final do século XI. Era certamente uma das pessoas de maior confiança de D. Henrique, pois só assim se compreende que, segundo a tradição, este o tenha escolhido para aio do filho, atribuindo-lhe a educação do pequeno Afonso Henriques.

Depois da morte do conde, em 1112, D. Teresa ficou à frente do Condado Portucalense, mas a sua política de submissão ao rei de Leão não agradava à maioria da nobreza portucalense, que aspirava à independência. Entre os que se opunham a D. Teresa, contava-se Egas Moniz e também o jovem Afonso Henriques, que se tornou o chefe desse movimento. Além de prosseguir com as conquistas do território aos Mouros, Afonso Henriques procurou também subtrair-se à autoridade do rei Afonso VII de Leão, seu primo, a quem devia obediência. Por esse motivo, entrou várias vezes em confronto com aquele monarca, como aconteceu em 1127, o que levou o rei de Leão a pôr cerco a Guimarães.

Este acontecimento iria ser o ponto de partida para uma das mais famosas e antigas lendas portuguesas, que Camões viria a imortalizar na obra *Os Lusíadas*.

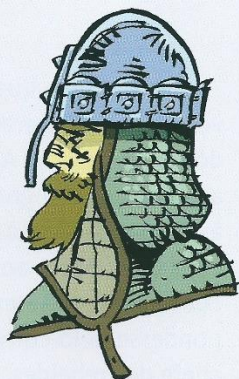
Conta-se que, durante esse cerco, a situação dos sitiados era cada vez mais desesperada. Faltavam os alimentos e o cansaço apoderava-se dos combatentes. Apesar disso, Afonso Henriques recusava render-se, mas às tendas de Afonso VII para negociar a paz, a troco da submissão do infante e da obediência ao monarca. O rei ouviu com atenção a proposta, mas como D. Afonso Henriques não estava presente, exigiu um fiador que respondesse pelo cumprimento do acordo. Foi então que Egas Moniz, como chefe dos rebeldes, deu a sua palavra. O rei de Leão desconfiou das verdadeiras intenções de Egas Moniz, mas, como estivesse apressado para resolver outros problemas nos seus territórios, aceitou a proposta e decidiu abandonar o local.

Mais tarde, porém, como o futuro rei português se tivesse recusado a prestar a vassalagem prometida, Egas Moniz dirigiu-se com a mulher e os dois filhos, de corda pendurada ao pescoço, à Corte de Afonso VII, em Toledo, para que este fizesse justiça. O monarca, admirado com tão nobre procedimento, perdoou ao aio com palavras elogiosas e deixou-o regressar em paz.





# A Batalha de Ourique



Nos primeiros tempos da Reconquista, épocas houve em que quer os ataques de Cristãos quer de Muçulmanos tinham sobretudo objectivos defensivos. Pretendiam deste modo, através de avanços geralmente rápidos e de surpresa, provocar a desorientação nas hostes inimigas, realizar saques e limitar futuros ataques inimigos. A conquista do território exigia geralmente uma preparação mais cuidada e um exército mais numeroso, capaz não só de levar de vencida o inimigo, mas, sobretudo, de assegurar a posse das terras conquistadas.

Talvez os acontecimentos de Ourique tivessem apenas o objectivo de provocar danos nos inimigos muçulmanos, tanto mais que, pouco tempo antes, ao que parece, os Mouros haviam atacado as terras a sul de Coimbra e destruído o castelo de Leiria.

A batalha teve lugar em Ourique, a 25 de Julho de 1139, o dia em que a Igreja comemora o apóstolo Santiago. Diz a lenda que, pouco antes de começar a batalha, os chefes e o exército cristão aclamaram por rei D. Afonso Henriques, reconhecendo nele todas as qualidades para ser o chefe supremo. Esta cerimónia, em que D. Afonso se assumiu pela primeira vez como rei de Portugal, veio reforçar ainda mais a motivação dos Portugueses para o combate. E bem necessária era porque, se o lado português reunia pouco mais de 12 000 homens, do outro estava um exército impressionante, composto por mais de 100 000 soldados. Para além disso, os exércitos muçulmanos eram comandados pessoalmente por Esmar, rei das Espanhas, que, sob as ordens directas do chefe supremo dos Muçulmanos – o Miramolim de Marrocos –, dominava outros chefes da Península, os reis de Silves, Mérida, Sevilha e Badajoz, também eles presentes no campo de batalha.

Diz-se que o combate foi extremamente sangrento, mas, apesar da grande desigualdade numérica, no final do dia, as tropas de D. Afonso Henriques levaram de vencida os exércitos dos cinco reis mouros.

Depois da vitória, e como era costume, os Portugueses permaneceram três dias no campo de batalha a descansar e a recolher os despojos de guerra. Quando se preparavam para abandonar o campo, caiu uma chuva torrencial que lavou o chão do combate, arrastando para o rio Guadiana todo o sangue. Mas este era tanto que as águas chegaram vermelhas ao oceano.

Conta-se ainda que, na véspera do confronto, estando D. Afonso Henriques em oração, lhe apareceu Jesus Cristo, garantindo que ele sairia vitorioso da batalha. Foi devido a este anúncio divino da vitória cristã que algumas lendas antigas referem o Milagre de Ourique.





# O Milagre das Rosas

**D** Isabel, filha dos reis de Aragão, nasceu por volta de 1270 e tornou-se rainha de Portugal pelo casamento com D. Dinis. As cerimónias, as maiores que o país até aí conheceu, decorreram na vila de Trancoso, no ano de 1288. E foi ainda nesta vila que começou a dedicar-se aos mais pobres e necessitados. Diz-se que, às escondidas, recebia os pobres das vizinhanças, a quem alimentava e vestia, chegando mesmo a lavar-lhes os pés. Além de auxiliar com esmolas os mendigos, criou hospitais para tratar os feridos e doentes, tarefa de que se ocupava também, muitas vezes, pessoalmente. Por tudo isso, a sua fama foi crescendo de tal forma que, em breve, o povo passou a chamar-lhe “Rainha Santa”.

No entanto, este comportamento não agradava a todos. Alguns criticavam as suas atitudes por considerarem que não eram próprias de uma rainha e censuravam-lhe o dinheiro gasto em esmolas e acções de caridade. O próprio rei, embora se preocupasse com o bem-estar do povo, não concordava com muitas das suas actividades. Os comentários foram aumentando de tal forma que um dia um dos nobres mais importantes e que mais contestava o seu comportamento acabou por dar conhecimento ao rei do que se estava a passar.



Ora, acontece que nessa altura a rainha estava ocupada em acompanhar as obras de construção do convento de Santa Clara, que havia acabado de fundar em Coimbra. E, às escondidas, sempre que ia de visita ao convento, levava esmolas e alimento para os operários que lá trabalhavam.

Sabedor do que se passava, um dia de manhã, sem que a rainha o esperasse, o rei saiu-lhe ao caminho. Apanhada de surpresa, quando já estava perto do local de destino, D. Isabel ainda procurou esconder no regaço um volume que levava consigo, mas não conseguiu evitar que o rei desse pelo gesto e lhe perguntasse o que levava debaixo do manto. A rainha, embora surpreendida, respondeu tranquilamente que ia decorar os altares do convento. Furioso com a resposta, D. Dinis ter-lhe-á dito:

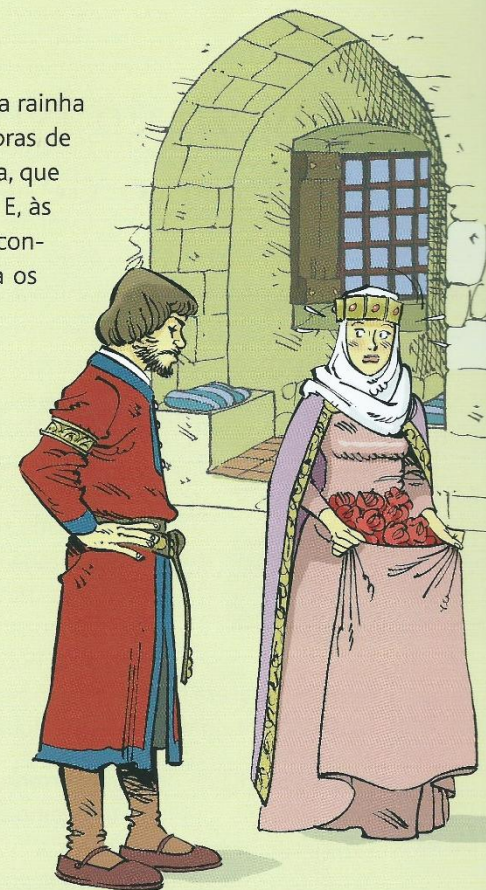
– Por que mentis? Bem sei que contra a minha vontade levais dinheiro aos pobres!

O rei estava verdadeiramente zangado. Mas, imediatamente, sem qualquer hesitação na voz, a rainha retorquiu-lhe:

– Enganai-vos Senhor, o que eu levo no regaço são rosas...

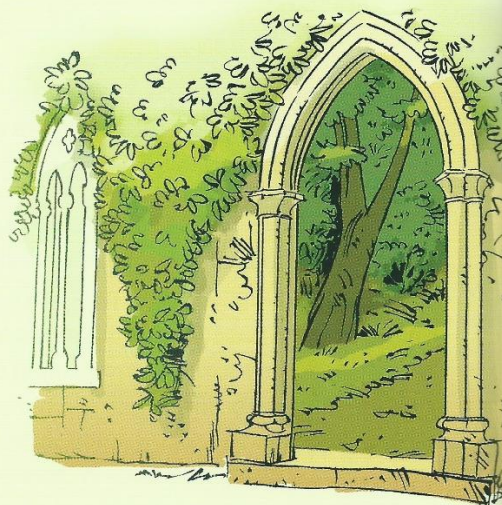
– Rosas? Não é possível nesta altura do ano!

Para mostrar que falava verdade, a rainha abriu então o manto e, perante a surpresa do rei e de todos os que o acompanhavam, surgiu um belo ramo de rosas. O rei logo ali pediu perdão à rainha, que pôde, por fim, prosseguir a viagem e distribuir as esmolas que levava consigo.





## Pedro e Inês



**P**edro era filho do rei D. Afonso IV e, depois de um primeiro casamento anulado com D. Branca, infanta de Castela, voltou a casar, aos 16 anos, com D. Constança Manuel, natural de Aragão. Este casamento, que provocou alguns problemas diplomáticos, irá ainda estar na origem de factos dramáticos que ocorrem alguns anos mais tarde.

Quando D. Constança veio para Portugal, a fim de casar com D. Pedro, veio na sua comitiva uma jovem muito bela, filha de nobres espanhóis, chamada Inês de Castro.

Apesar de casado com D. Constança, D. Pedro depressa se apaixonou por D. Inês e os dois passaram a viver uma relação que mantiveram em segredo. No entanto, em 1354, com a morte de D. Constança, que alguns atribuíram ao desgosto, o romance de D. Pedro e D. Inês tornou-se público.

Entretanto, iniciou-se uma guerra em Castela, na qual vários nobres se revoltaram contra o rei castelhano. Um desses nobres era familiar de D. Inês de Castro e D. Pedro decidiu ajudá-lo, o que não agradou nada ao seu pai, D. Afonso IV. As relações entre ambos tornaram-se então muito difíceis.

A 7 de Janeiro de 1355, aproveitando a ausência de D. Pedro, três homens da confiança de D. Afonso IV assassinaram D. Inês de Castro, em Coimbra, por ordem do rei de Portugal. Ao saber da notícia, D. Pedro revoltou-se contra o pai. A situação foi de quase guerra civil, mas os dois conseguiram chegar a um acordo que evitou o conflito.

No entanto, D. Pedro nunca esqueceu a morte da sua amada. Por isso, mal subiu ao trono, em 1357, mandou prender os três conselheiros de D. Afonso IV que tinham assassinado D. Inês e condenou-os à morte. De seguida, afirmou publicamente que chegara a casar-se secretamente com D. Inês e mandou construir para ela um túmulo em Alcobaça.

À volta destes acontecimentos foram depois criadas várias lendas. Uma delas contava que D. Pedro teria feito uma cerimónia onde coroara o cadáver de D. Inês e obrigara a nobreza a beijar-lhe a mão.

Muitos foram os escritores que contaram esta trágica história de amor. Luís de Camões, na sua obra *Os Lusíadas*, refere-se assim à dor após a morte de Inês:

"As filhas do Mondego a noite escura  
Longo tempo chorando memoraram,  
E, por memória eterna, em fonte pura  
As lágrimas choradas transformaram;  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
"Dos amores de Inês", que ali passaram.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lágrimas são a água, e o nome amores"

Ainda hoje existe em Coimbra a Quinta das Lágrimas. Foi aí, junto à Fonte dos Amores, um dos lugares preferidos por D. Pedro e por D. Inês para os seus encontros, que esta terá sido morta. A recordar o triste acontecimento está ainda a cor avermelhada das suas águas, o sangue da própria Inês, segundo reza uma antiga tradição.





# A Padeira de Aljubarrota

Aquele dia 14 de Agosto de 1385 fora um dos mais memoráveis a que o país assistira. Nos campos de Aljubarrota, as tropas portuguesas, comandadas pelo condestável D. Nuno Álvares Pereira, embora em inferioridade numérica, tinham conseguido levar de vencida o poderoso exército castelhano. Esta vitória vinha consolidar o poder do rei D. João I e garantir a continuidade da independência nacional.

Os combates tinham sido bastante ferozes e, no final do dia, muitos corpos ficaram no campo de batalha, tanto de um lado como do outro. Entre os castelhanos que conseguiram sobreviver, a maior parte acabou por ficar prisioneira das tropas portuguesas. Alguns, porém, conseguiram escapar e acabaram por se esconder em locais recônditos, de onde esperavam depois sair, a coberto da noite e quando todos estivessem já a dormir.

Acontece que, naquela época, vivia numa povoação vizinha do local da batalha uma mulher de mau feitio chamada Brites de Almeida. Dizia-se no lugar que ela tinha nascido em Faro, mas o que se sabia ao certo é que ficou órfã aos 6 anos de idade e, depois de uma vida aventureira na juventude, acabou por se tornar criada numa padaria, em Aljubarrota. Todos a respeitavam e temiam pela sua força e valentia. Conta-se mesmo o caso de um soldado que um dia a pediu em casamento, o que ela a contragosto aceitou, com a condição de ele a conseguir vencer num combate. O resultado foi que o soldado saiu ferido de morte e o casamento não se realizou.



Ora, nesse dia, e depois de jantar, como era seu hábito, Brites de Almeida dirigiu-se à padaria para fazer o pão do dia seguinte. Enquanto ia amassando a farinha, ouviu uns ruídos que lhe parecia virem do forno. De início não deu grande importância ao assunto, convencida que se tratava de algum rato, dos que por ali costumavam passear-se em busca de algum alimento. Mas aquele barulho começou a intrigá-la, parecia-lhe diferente. Decidiu, por isso, aproximar-se e escutar com atenção.

Foi então que se apercebeu tratar-se de soldados castelhanos, que sussurravam entre si baixinho. Como não era mulher de recear o que quer que fosse, acendeu o forno como fazia habitualmente para cozer o pão. Lá dentro, o calor e o fumo eram cada vez maiores. Quando, finalmente, os soldados não conseguiram aguentar mais, tiveram de abandonar o esconderijo. Mas, nessa altura, já a padeira os esperava e, com a pá do forno, à medida que iam saindo, ia-os matando todos, um a um.

Conta ainda a lenda que, anos mais tarde, a padeira se tornou mais pacífica e casou com um rico lavrador, com quem viveu feliz o resto dos seus dias.





# Lenda do Machico

No reinado de Eduardo III de Inglaterra, que governou entre 1327 e 1377, vivia um bom homem do povo chamado Roberto Machim, de posses reduzidas, que conheceu uma dama da alta nobreza, de nome Ana d'Arfet. Entre os dois estabeleceu-se um entendimento imediato e viveram um romance secreto até ao dia em que os pais de Ana tudo descobriram. Não querendo que a sua filha casasse com Machim, arranjaram à pressa, com a ajuda do próprio rei, um casamento com outro homem, muito mais velho, mas de alta linhagem. Ao saberem do casamento, os dois jovens planearam fugir para França, país que na altura estava em guerra com Inglaterra. Mas, ao atravessarem o canal da Mancha, uma violenta tempestade arrastou a embarcação para o meio do Atlântico. Navegaram dias e dias sem rumo, arrastados por fortes ventos, até que a calmaria regressou. Quando deram por si, Ana e Machim perceberam então que se encontravam junto a uma ilha desconhecida, toda coberta de árvores.

No entanto, Ana d'Arfet sentia-se doente. Por isso, o seu amado, com a ajuda de alguns companheiros de viagem, deixou-a na praia, para que pudesse descansar em terra firme. Ao fim de alguns dias, uma nova tempestade arrastou o navio para o largo, afastando-o da costa. Os aventureiros ficaram então impossibilitados de sair daquela terra.

Pouco tempo depois, o estado de saúde de Ana piorou e ela acabou por falecer. Machim cavou-lhe então uma sepultura na qual esculpiu uma cruz de pedra.



A partir desse dia, nunca mais Machim abandonou a sepultura da sua apaixonada. Os companheiros tentaram convencê-lo a partir com eles num batel, em busca do navio perdido, mas todos os seus esforços fracassaram. Menos de uma semana depois, Machim morreu também, juntando-se assim a Ana. Os companheiros sepultaram-no ao lado dela, erguendo uma nova cruz de pedra, na qual escreveram a história de amor que tinham presenciado.

Partiram então da ilha no batel. Arrastados pelas correntes, foram levados para junto da costa de Marrocos, onde um navio pirata os encontrou. Foram feitos prisioneiros e vendidos como escravos, mas um deles acabou por ser comprado por um cristão, ao qual contou toda a história de Ana e Machim. E os rumores do acontecido chegaram a Portugal.

Diz a lenda que os primeiros navegadores portugueses que desembarcaram na ilha da Madeira encontraram as cruzes com a inscrição. Ergueram então nesse lugar uma capela, baptizando com o nome de Machico a povoação que em volta dela cresceu.





# A Nau Catrineta



**E**m 1565, saiu da região brasileira de Pernambuco, com destino a Lisboa, a nau portuguesa *Santo António*. Decorridos ainda poucos dias de viagem, foi avistado um navio que se aproximava rapidamente. Pouco demorou até que os marinheiros percebessem que se tratava de uma embarcação de piratas franceses. Foi dada ordem imediata para desfraldar todas as velas e tentar fugir, mas a nau *Santo António* vinha carregada de mercadorias, o que fazia com que a velocidade fosse reduzida. Deste modo, rapidamente foi alcançada pelos perseguidores.

O combate foi rápido, os marinheiros portugueses pouca resistência conseguiram oferecer e muitos acabaram por ser mortos. Deixando a nau muito danificada, os piratas levaram ainda consigo todos os alimentos e instrumentos de navegação.

Não demorou muito, por isso, que a fome e a sede atingissem os tripulantes portugueses. E, deste modo também, surgiram as discussões e a procura desesperada de comida. Embora com dificuldade, o capitão Jorge Albuquerque Coelho lá foi conseguindo acalmar os ânimos até que, finalmente, o navio atingiu a costa portuguesa. Os sobreviventes foram logo tratados e diz-se que, muitos anos depois, o capitão se costumava sentar junto ao mar e contava em verso a sua história para os amigos que o queriam ouvir:

"Lá vem a nau Catrineta  
Que tem muito que contar  
Ouvide agora senhores  
Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia  
Por sobre as águas do mar  
Já não tinham que comer  
Já não tinham que manjar.

Deitaram sola de molho  
Não na puderam tragar  
Deitaram sortes à aventura  
Quem se havia de matar.

(...)

– Acima, acima gajeiro  
Acima do topo real  
Vê se enxergas Espanha  
Areias de Portugal.

– Alvéssaras, capitão  
Meu capitão-general  
Já vejo terras de Espanha  
Areias de Portugal.

Mais enxergo três meninas  
Debaixo de um laranjal...  
Uma, sentada a coser,  
Outra na roca a fiar  
A mais formosa de todas  
Está no meio a chorar.

– Todas três são minhas filhas  
Oh! Quem mas dera abraçar  
A mais formosa de todas  
Contigo a hei-de casar.

– Não quero a vossa filha  
Que vos custou a criar.

(...)

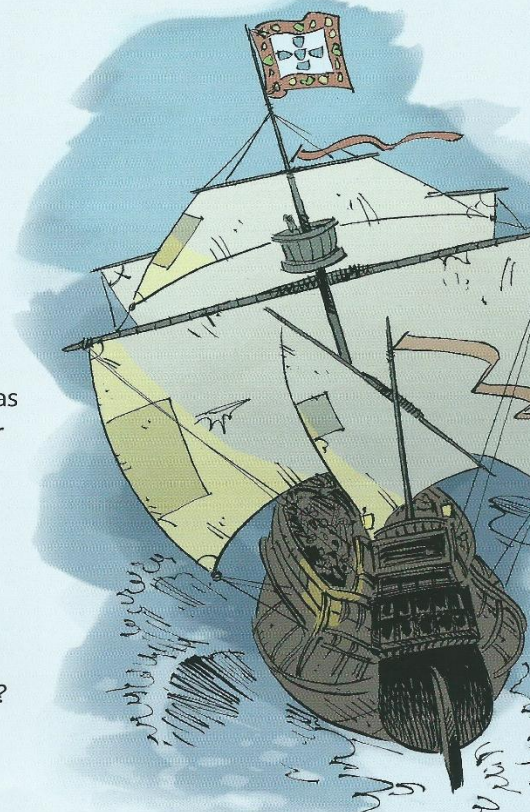
– Que queres meu gajeiro?  
Que alvéssaras te hei-de dar?

– Capitão, quero a tua alma  
Para comigo a levar.

– Renego de ti, demónio  
Que me estavas a tentar  
A minha alma só a Deus  
O corpo dou eu ao mar.

Tomou-o um anjo nos braços  
Não o deixou afogar  
Deu um estoiro o demónio  
Acalmaram vento e mar.

E à noite a Nau Catrineta  
Estava em terra a varar."





# Brianda Pereira

Com a morte de D. Sebastião em Alcácer Quibir, em breve se levantou o problema da sucessão ao trono. O rei não tinha descendentes e o seu sucessor, o cardeal D. Henrique, encontrava-se já velho e doente. Ainda para mais, como era clérigo, não tinha casado nem tão pouco tinha filhos que pudessem assegurar a continuidade no trono. É o seu sobrinho, D. António, prior do Crato, que lhe sucede em Julho de 1580. Filipe II de Espanha, que reclamava igualmente o direito ao trono português, visto ser neto por via materna do rei D. Manuel I, não aceitou que D. António fosse aclamado rei e decidiu invadir Portugal. Em Agosto de 1580 vence as tropas de D. António na batalha de Alcântara e, na prática, passa a governar o país. Ainda assim, alguns locais continuaram fiéis ao Prior do Crato. Foi o caso dos Açores.

Para vencer a resistência dos ilhéus, Filipe II mandou uma frota bem equipada, com ordens para submeter a qualquer preço a população local. Aportaram à ilha Terceira e os soldados desembarcaram na Baía da Salga. A pequena guarnição local, auxiliada pelos homens da terra, ainda procurou dar combate aos invasores, mas a desproporção das forças era muito grande. Alguns tinham já sido mortos e outros feitos prisioneiros quando uma mulher, de nome Brianda Pereira, teve a ideia de reunir as outras mulheres da ilha e com elas combinar um estratagema que viria a alterar a sorte da batalha.

Depois de acertarem os pormenores da acção, as mulheres separaram-se em todas as direcções da ilha, reuniram o gado disponível, sobretudo os animais bravos, e, espicaçando-os, fizeram-nos correr à sua frente em direcção à praia onde se travavam os combates.

Os soldados espanhóis, apanhados de surpresa e enfiados nas suas armaduras, pouco espaço de manobra tinham. Alguns foram esmagados pelos animais em fúria e outros, que fugiram para o mar, acabaram por morrer afogados sob o peso das armaduras.

Poucos conseguiram regressar até às barcas que os levaram de volta aos navios. Esta derrota humilhante não impediu no entanto o rei de Espanha de mandar mais tarde uma frota ainda mais numerosa e bem equipada. Dessa vez, o exército espanhol dominou facilmente a população, tendo provocado numerosas mortes. Apesar do massacre e da independência perdida, nos habitantes locais ficou para sempre registado o nome da heroína Brianda Pereira.

